

**OS CADERNOS DE CAROLINA MARIA DE
JESUS, RELATO DE UM TRATAMENTO
COMPARTILHADO¹**



CAETANA BRITTO

*Conservadora-restauradora e
pesquisadora no GeCAC do Instituto
de Estudos Avançados da Universidade
de São Paulo, membro do FOLIO*

FERNANDA AUADA

*Historiadora especialista
em preservação de papéis,
membro do FOLIO*

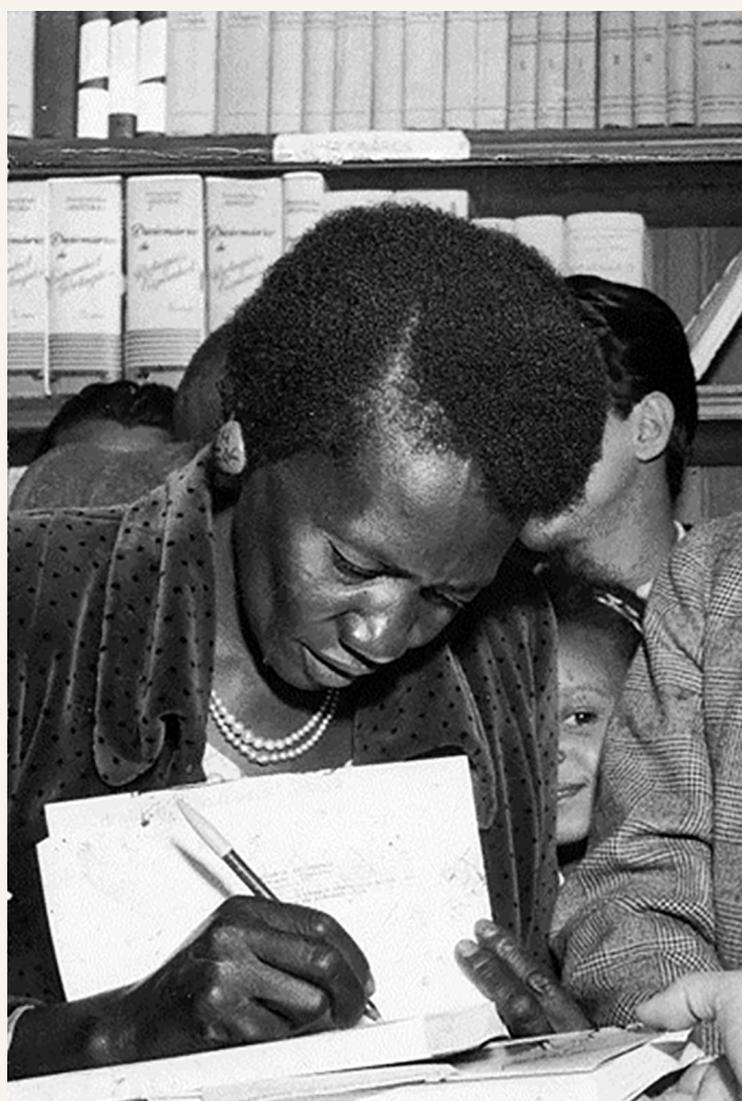
PAULA BORGGO

*Administradora e técnica em
Museologia e Conservação e
Restauro, membro do FOLIO*



RESUMO E AGRADECIMENTOS

Através de um estudo de caso, o restauro dos cadernos da escritora brasileira Carolina Maria de Jesus, a apresentação buscou compartilhar reflexões sobre como a conservação participa ativamente dos processos históricos de decolonização, intensificados globalmente na última década. E abordou o modo como um modelo de trabalho coletivo, envolvendo três ateliês, propicia decisões colegiadas, com maior potencial criativo e responsabilidade compartilhada.



Gostaríamos de agradecer ao Arquivo Público Municipal de Sacramento, à Fundação Bienal de São Paulo, à organização deste Seminário na pessoa de Matthew Driscoll e às conservadoras-restauradoras parceiras e amigas Julita Azevedo e Rosana Maria Pinto, que se entregaram generosamente a este trabalho.

CONTEXTO

Em 2020 a 34ª Bienal de São Paulo com o tema “Faz escuro, mas eu canto”, expôs alguns dos cadernos de Carolina Maria e, pelo termo de empréstimo, devolveria as obras restauradas ao Arquivo de Sacramento, que tem a custódia desses originais da escritora. FOLIO, coletivo de preservação formado por Caetana Britto, Fernanda Auada e Paula Borgo, apresentou uma proposta de tratamento a ser realizado junto com dois outros ateliês, das restauradoras Julita Azevedo e Rosana Maria Pinto. A princípio a divisão de trabalho previu que dos oito diários, dois seriam tratados por Julita e os demais divididos entre o tratamento do miolo pelo FOLIO (Caetana, Fernanda e Paula) e as costuras e restauro das capas por Rosana. O ano de 2020 marcou um redescobrimento da obra de Carolina Maria. A exposição dos diários na Bienal foi seguida em 2021 por uma grande exposição chamada “Carolina Maria de Jesus: um Brasil para os brasileiros” no Instituto Moreira Salles, em São Paulo, e no carnaval de 2022 a escola de samba Colorado do Brás homenageou a escritora com o enredo “Carolina – A Cinderela Negra do Canindé”. No mesmo período foi lançada uma edição completa de sua obra, contemplando a autenticidade de sua escrita, sem a padronização gramatical das edições anteriores, orientadas pela “norma culta” e que alterou a escrita da escritora, própria da oralidade afro-brasileira.



CAROLINA MARIA E A ESCRITA NA FAVELA

Carolina Maria de Jesus nasceu em 1914, apenas 26 anos após o fim formal da escravidão, numa comunidade rural na pequena cidade de Sacramento, estado de Minas Gerais, filha de mãe analfabeta e sem pai. Aos sete anos começou a frequentar a escola de onde saiu dois anos depois, após aprender a ler e a escrever. Passou a juventude trabalhando como empregada doméstica.

Em 1937 ela migrou para São Paulo e foi morar na favela do Canindé, a primeira da cidade, sobrevivendo como catadora. Carolina construiu sua própria casa, usando madeira, lata, papelão e materiais descartados. Ao mesmo tempo em que trabalhava como catadora, registrava seu cotidiano nos cadernos que encontrava entre o material que recolhia. Escrevia à luz de velas com o que tinha em mãos: cadernos baratos, tintas variadas, lápis de cor e grafite.

Um destes cadernos, um diário que havia começado em 1955, deu origem a seu livro mais famoso, “Quarto de Despejo: Diário de uma Favelada”, publicado em 1960. Foi traduzido para catorze línguas, tornando-se um dos livros brasileiros mais conhecidos no exterior. A edição publicada nos Estados Unidos teve o título de “*Child of the Dark*”.

152

Os pagamentos de direitos autorais recebidos eram insuficientes para sustentar seus três filhos e para complementar a renda ela coletava materiais recicláveis, fazia faxina, lavava roupas para fora e dava aulas de alfabetização.

Carolina Maria de Jesus morreu aos 62 anos em 1977.

Apenas em 2014, o “Projeto Vida por Escrito - Organização, classificação e preparação do inventário do arquivo de Carolina Maria de Jesus” foi contemplado com o Prêmio Funarte de Arte Negra, que permitiu o lançamento do “Portal Biobibliográfico de Carolina Maria de Jesus” e o livro “Vida por Escrito - Guia do Acervo de Carolina Maria de Jesus”, organizado por Sergio Telles.

O projeto mapeou todo o material da escritora, que passou a ser custodiado por diversas instituições, dentre elas: Biblioteca Nacional, Instituto Moreira Salles, Museu Afro Brasil, Arquivo Público Municipal de Sacramento e Acervo de Escritores Mineiros da Universidade Federal de Minas Gerais.

DECOLONIZAÇÃO

Reconhecendo que o colonialismo europeu produziu centralização e exploração, levando as ex-colônias à expropriação e ao racismo nas suas múltiplas formas, a decolonialidade propõe desfazer ativamente esses sistemas e formas de pensar se colocando como um compromisso contemporâneo extensivo a todas as atividades humanas, incluindo aquelas ligadas à preservação da mate-



rialidade. É cada vez mais reconhecido que uma maior diversidade de visões é necessária para a transição a um legado mais justo e sustentável.

Apresentamos a seguir algumas intervenções decididas por meio do diálogo entre as conservadoras que realizaram o tratamento dos cadernos de Carolina Maria. Através do diálogo, que por vezes se ampliou com a participação da Bienal e do Arquivo de Sacramento, tentamos praticar uma conservação mais criativa, reflexiva e inclusiva.



ARQUIVO DE SACRAMENTO, BIENAL, TRÊS ATELIÊS

O Arquivo Público Municipal de Sacramento² foi criado em 1990 na pequena cidade natal de Carolina Maria e ainda nos anos noventa recebeu 37 cadernos manuscritos contendo diários, romances, contos, provérbios, poemas, textos curtos e narrativas autobiográficas doados pela filha da escritora, Vera Eunice. Em 1996, por meio de um convênio entre a Biblioteca Nacional e a *Library of Congress* dos Estados Unidos, os documentos foram higienizados e microfilmados. A ausência de condições apropriadas de conservação, tais como mobiliário e acondicionamento adequados e o controle de temperatura, umidade e infestações, típicas de um país tropical, aceleraram o processo de degradação. Esta é uma realidade comum aos arquivos no Brasil, a escassez de recursos materiais e especializados para a manutenção básica de acervos relevantes.

154

Os empréstimos para exposições ou publicações são oportunidades para o tratamento de acervos que em condições normais não seriam tratados ou estabilizados. A Bienal de São Paulo, assim como outras instituições com mais recursos, quando assumem o tratamento de obras e coleções, têm o duplo papel: de difusão e preservação.

Cinco profissionais, três do FOLIO e mais dois ateliês, realizaram o tratamento dos oito cadernos (diários, textos teatrais e romances) de Carolina Maria de Jesus, contratados pela Bienal como contrapartida ao empréstimo do Arquivo de Sacramento. Algumas etapas do tratamento, explicitadas na proposta apresentada à Bienal, se mantiveram e outras foram decididas em processo dialógico entre todos os envolvidos: Arquivo de Sacramento, Bienal e três ateliês.

DECISÕES DE TRATAMENTO, NÃO OCULTAMENTO DO CONTEXTO DA AUTORA³

As etapas de tratamento não apresentam novidades em relação ao que tradicionalmente se faz na conservação-restauro de manuscritos: análise, diagnóstico,



Página anterior. Figura 5. Arquivo Público Municipal de Sacramento. Fonte: <<https://culturasacramento.com.br/arquivo-municipal>>. Figura 6. Fundação Bienal de São Paulo. Fonte: <<http://34.bienal.org.br/post/92299>>. Acesso em: 12 de set. 2023

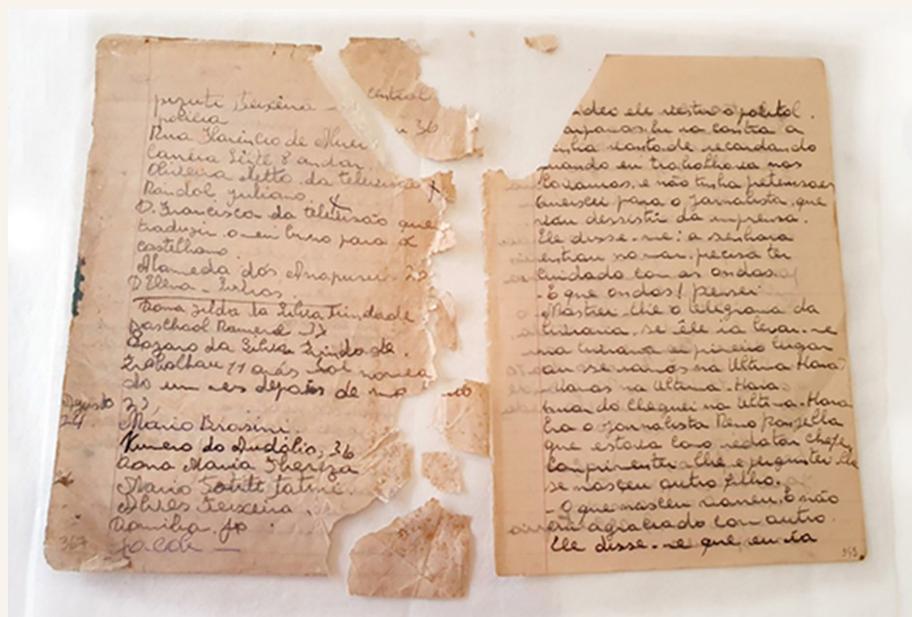
documentação, mapeamento de costura, desmontagem dos cadernos, testes de solubilidade de tintas e de absorção do papel, limpeza a seco, reparos com papel japonês e adesivos neutros, aplanamento, colacionamento, costura e encadernação.

Entretanto, certas decisões foram tomadas durante o processo, em razão dos elementos únicos que observamos, e cientes de que os cadernos retornariam a uma reserva sem condições ambientais favoráveis à sua conservação. Essas decisões priorizaram os aspectos informacionais presentes na materialidade em detrimento aos aspectos estritamente técnicos dos cânones da conservação. Decidimos manter elementos que em regra seriam removidos para não ocultar o que estes poderiam informar sobre o modo da sua produção. Para melhor elucidar o que significaram as escolhas feitas, a descrição foi dividida pelas partes constituintes dos cadernos manuscritos: miolo e capa.

CAPAS

Os cadernos usados por Carolina Maria para escrever os diários eram os encontrados por ela entre a massa de material descartado que ela coletava. Cadernos baratos, produzidos com materiais de baixa qualidade, diversificados.

155



Capa de plástico marrom

Essa capa de material plástico estava deformada por ondulações que se transferiram para o miolo como um todo. Para além das deformações, o material plástico deteriora rapidamente nas precárias condições ambientais do arquivo, elevando o risco de ocorrerem outras alterações. Mesmo considerando os riscos, a capa foi tratada e mantida em razão da manutenção da diversidade dos suportes originais, indicador do aproveitamento dos materiais encontrados pela autora, usados para produzir sua obra. Foi acrescentada uma guarda em papel alcalino como barreira entre miolo e capa.

Capa de papel verde

Os cadernos de capa de papel colorido eram provavelmente dos mais baratos no século XX: pasta mecânica, gramatura um pouco mais pesada que a do miolo e tingimento de má qualidade. Não eram cadernos duráveis e as capas de papel não forneciam uma proteção robusta. Neste caso também a capa foi tratada para remoção de manchas e mantida. Acrescentada uma jaqueta de poliéster (*Mylar*®) como sobrecapa, uma vez que o papel de baixa gramatura da capa original era frágil.

Capas duras estampadas

As capas de dois cadernos muito semelhantes também foram mantidas apesar da grande perda do suporte original. Ambas as capas, em cartão revestido de papel estampado impresso, foram restauradas, em ateliês diferentes. As capas não eram iguais e a reintegração pictórica não as tornou iguais.

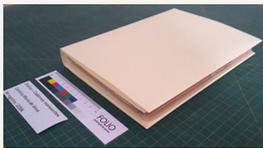
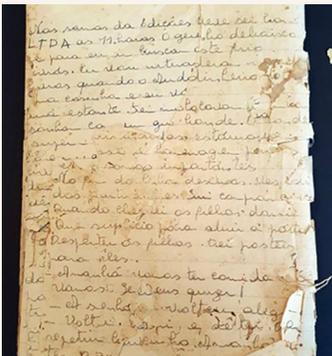
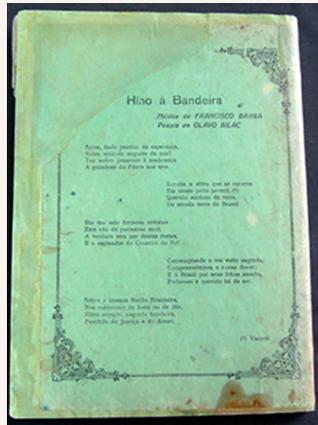
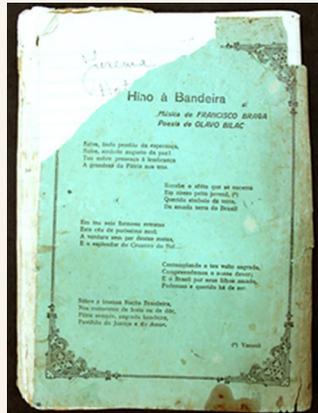
Cadernos sem capas

A já citada má qualidade dos cadernos juntamente com o fato de terem sido descartados e posteriormente coletados por Carolina Maria, possivelmente muito manuseados, resultou na perda total das capas. Sem as referências originais, novas capas, tipo “dobradura”, foram confeccionadas em papel alcalino de 120 g/m², junto com guardas duplas feitas com o mesmo papel.

A resolução por este modelo foi tomada em acordo com o Arquivo, devido à sua execução simples por pessoas não técnicas e com materiais não especializados de conservação, possibilitando a substituição em caso de necessidade.

Cadarços

Parte dos cadernos apresentava costura sobre cadarços de algodão. Foi possível recuperar esses cadarços originais com tratamento de limpeza e reforço com laminação em papel japonês 11g/m² e adesivo neutro.



MIOLO

Parafina

As gotas de parafina endurecida encontradas nas folhas do miolo, representam um risco em razão da alta temperatura da região onde o Arquivo se localiza. Risco este, de derretimento da parafina e aumento da área impregnada. Apesar disso, resolvemos não remover os pingos de parafina por ser revelador do contexto em que Carolina Maria escrevia: a luz de velas, sobre caixotes de madeira ou apoiada nas costas da filha adormecida.

Apesar da autora escrever nos anos 60 do século XX e na maior cidade da América Latina, São Paulo, não havia eletricidade na favela, por ser um território sem estrutura urbana. Até hoje no Brasil, as favelas são territórios “informais”.

Vestígios

Era notável a quantidade de folhas rasgadas junto ao festo (fundo de caderno), arrancadas por alguma razão. Seria possível remover os fragmentos restantes na hora da remontagem dos cadernos para costura. Talvez fosse menos incômodo para o pesquisador e decerto o alinhamento das folhas evitaria eventuais deformações no tempo. Ainda assim, foi decidido que os fragmentos seriam não apenas mantidos, mas reforçados com carcelas de papel japonês para manter presente o gesto da autora.

158

Colagens

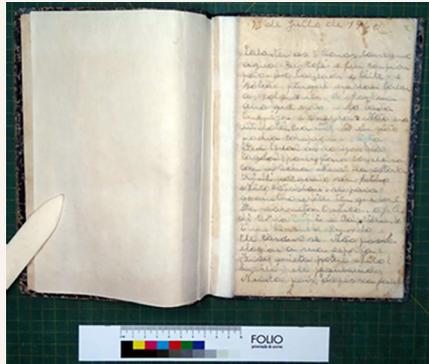
Os cadernos usados por Carolina Maria eram os encontrados no lixo, escassos portanto. No miolo há partes de folhas escritas, coladas sobre outras. Pode-se pensar que ela reescreveu o trecho, ou até se arrependeu do que havia escrito. O adesivo usado pela autora já apresenta pontos de enrugamento e amarelecimento. Poderia se tentar remover o adesivo original, substituindo por adesivo neutro, por exemplo. Mas não: as colagens foram mantidas na sua originalidade.

Acondicionamento

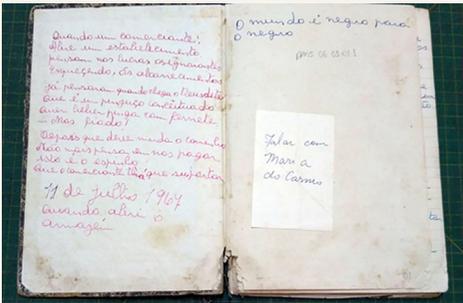
Embora o Arquivo não adote um acondicionamento padrão, decidimos adquirir caixas em papel alcalino corrugado produzido pelo principal fornecedor comercial do país. Esta decisão, embora produza uma diferenciação em relação ao restante do acervo e tenha um custo alto para uma instituição pública de um município pequeno no caso de reposição, foi considerada necessária em razão da inexistência de climatização face à grande oscilação de temperatura e umidade relativa.

que a tua mãe não se acerta
 a sua união.
 - É você acerta!
 Ela queria de ser mais feliz
 se tivesse te escolhido.
 Oh! Silvio, eu não

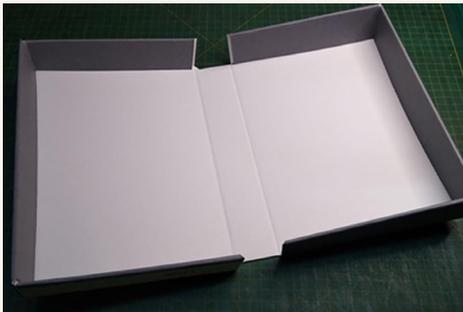
03



159



Falar com
 Maria
 do Carmo



CONCLUSÃO

O trabalho foi realizado por três ateliês, com uma coordenação compartilhada e decisões consensuais no tratamento e acondicionamento, com a participação do Arquivo e da Bienal. As decisões consideraram a escassez de recursos materiais e profissionais do Arquivo de Sacramento, fato comum no nosso país.

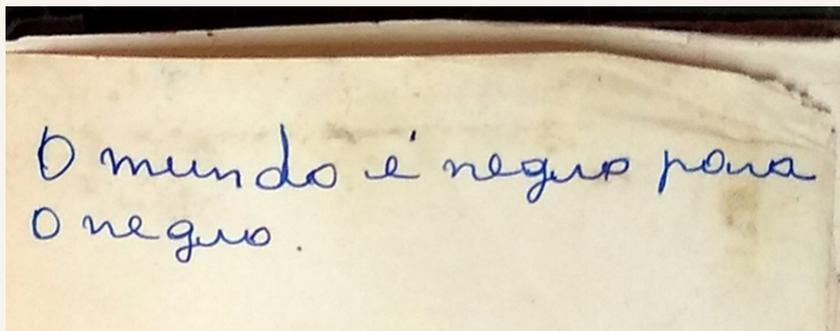
As decisões do tratamento de conservação atentas ao pensamento decolonial, intencionalmente mantendo os gestos da autora e não ocultando o seu contexto social pós escravidão, muitas vezes conflitaram com os postulados da conservação tradicional.

A escuta dos envolvidos resultou exitosa, sobretudo por incorporar a opinião e o desejo do pequeno arquivo custodiador, fomentando a corresponsabilidade e a sustentabilidade a longo prazo.

Os estudiosos da obra de Carolina Maria de Jesus poderão observar as marcas das suas condições de escrita como um elemento constituinte, embora não o único nem o principal, e compreender sua imperiosa necessidade de se expressar.

A experiência no tratamento dos cadernos de Carolina Maria de Jesus nos deu a segurança de trabalhar em colaboração e de revelar os aspectos sociais da materialidade com a qual trabalhamos.

Este estudo de caso mostra que na abordagem transdisciplinar ganham todos os envolvidos: acervos, instituições, patrimônio. A preservação não é uma ciência isolada, mas participa dos movimentos e tensões da vida coletiva.⁴ ▽



¹ O presente artigo foi concebido como uma apresentação gravada, exibida no encerramento do “19th International Seminar on the Care and Conservation of Manuscripts” da Universidade de Copenhague no dia 21 de abril de 2023.

² Ver em <<https://culturasacramento.com.br/acervo-carolina-maria-de-jesus>>. Acesso em: 12 de setembro de 2023.

³ As fotos do tratamento são de autoria de Caetana Britto, Fernanda Auada, Paula Borgo, Rosana Maria Pinto, Julita Azevedo.

⁴ Esforços foram feitos para identificar a autoria das imagens. Caso conheça o autor, por favor entre em contato: folio.contato@gmail.com.

/
SANTOS, Yasmin. *A arte de Carolina* - Publicação de livros inéditos e exposição sobre escritora mineira exploram sua polivalência artística. São Paulo: Quatro cinco um, 2021. Disponível em: <https://www.quatrocincoum.com.br/br/resenhas/literatura-brasileira/a-arte-de-carolina>. Acesso em: 12 set. 2023

BORGES, Stephanie. *Reorganizando o 'Quarto de despejo'* - Diários de Carolina são espaço de liberdade e de expressão da subjetividade e sensibilidade das mulheres negras. São Paulo: Quatro cinco um, 2021. Disponível em: <https://quatrocincoum.folha.uol.com.br/br/artigos/literatura-brasileira/reorganizando-o-quarto-de-despejo>>. Acesso em: 12 set. 2023

